

PRÁTICAS EDUCATIVAS EM ESCOLAS ALEMÃS DE ACORDO COM RELATÓRIOS DA COMPANHIA COLONIZADORA HANSEÁTICA DE HAMBURGO

SANTOS, Ademir Valdir dos* – UTP

GT-02: História da Educação

Introdução

Em nossas pesquisas sobre as escolas fundadas por imigrantes no Sul do Brasil, a partir de sua chegada no século XIX, procuramos contribuir para a compreensão do processo histórico de criação e transformação de instituições educacionais específicas – as escolas alemãs (*deutsche schulen*). Compartilhamos de uma vertente de investigação que as entende como experiência educativa peculiar no cenário brasileiro, cuja caracterização é complexa. Mas apesar dos esforços de pesquisa empreendidos, a abordagem sobre a variedade das experiências dessas instituições escolares no contexto histórico da educação nacional está longe do esgotamento.

Já existem alguns elementos teórico-metodológicos comuns na produção de autores nacionais sobre as características das escolas alemãs sulinas. Porém, ainda há questões a investigar. Neste amplo panorama, selecionamos a perspectiva dos próprios colonizadores num período de concretização dos empreendimentos comerciais que trouxeram para nossas terras contingentes populacionais de imigrantes alemães. Permanecendo na Europa ou enviados para administrar as colônias de imigração alemã, os dirigentes dos processos de sua implantação no Brasil materializaram suas visões e registraram aspectos fundamentais sobre o desenvolvimento nas zonas coloniais.

Nosso objetivo é analisar as iniciativas de fundação de escolas primárias e o seu funcionamento descritos na documentação de uma companhia colonizadora que tinha sede em Hamburgo, no norte alemão. Esses documentos são relatórios elaborados por seus diretores com base em informações coletadas em colônias brasileiras situadas em Santa Catarina. Para tanto, utilizamos fontes primárias inéditas, ainda inexploradas e que apresentam uma perspectiva específica sobre a realidade local. Assim, nossos resultados pretendem ampliar a compreensão sobre o fenômeno educativo que foram as escolas alemãs por meio da análise das práticas educativas construídas naquela época.

* Universidade Tuiuti do Paraná - UTP - Programa de Pós-Graduação em Educação - Grupo de Estudos Educação e História: cultura escolar e prática pedagógica.

As escolas alemãs sob a ótica dos relatórios

No tratamento analítico-descritivo desse tipo de instituição – a escola alemã ou teuto-brasileira, como preferem alguns, parece haver uma homogeneização, expressa através de algumas características. Nessa direção, afirma Seyferth (1990, p.53):

A organização escolar teve especial importância no caso dos imigrantes alemães. Mesmo quando ligadas às igrejas – católica ou luterana -, as escolas teuto-brasileiras se organizavam em sociedades escolares (as *Schulvereine*), possuíam currículos comuns, assim como livros escolares comuns, e muitos professores vinham da Alemanha. O maior número era de escolas primárias, alfabetizando em alemão, ...

Porém, mesmo que seja possível delinear alguns aspectos genéricos, entendemos que há distinções necessárias para a compreensão da escola alemã, considerando, entre outros, a natureza da associação que formou a escola, a sua presença e as relações com o ambiente urbano ou rural e ainda a manutenção de um espírito cultural alienígena, mesmo diante das medidas nacionalistas.¹ Feita tal contextualização, pretendemos falar em experiências educacionais primeiras, criadas em um período de intensa imigração européia para o Sul brasileiro, quando ficou evidente a ausência de instituições para a instrução elementar, ou seja, escolas primárias públicas (Cf. Nagle, 1974; Schneider, 1983; Werebe, 1995; Willems, 1980)

Neste estudo nos propomos a apresentar elementos pedagógicos e didáticos para a caracterização das práticas educativas em escolas alemãs destinadas ao ensino primário cuja criação e atuação aconteceu no final do século XIX e em meados do século XX, em Santa Catarina. A busca por novos conhecimentos sobre as escolas catarinenses criadas por iniciativa de instituições alemãs ou imigrantes nos conduziu ao Arquivo Estadual de Hamburgo (*Staatsarchiv Hamburg*), no norte alemão, região que

¹ Houve um movimento histórico de transformação das escolas alemãs devido às políticas nacionalistas no campo da educação, sobretudo durante as primeiras décadas do século XX, que determinou a sua extinção pelo não atendimento de exigências dos decretos da nacionalização. Esta questão não será objeto de uma apreciação profunda neste trabalho, embora façamos, em algumas partes do texto, o estabelecimento de algumas entre relações abordando as distinções entre a cultura germânica e o ideário nacional preconizadas pelas políticas nacionalistas que se manifestaram no Brasil, necessárias à compreensão do processo de transformações por que essas escolas passaram.

foi um dos principais pontos de partida para a imigração com destino à América do Sul.² Hamburgo também era a sede da Companhia Colonizadora Hanseática (*Hanseatischen Kolonisations-Gesellschaft*), que negociou a concessão de 650 000 hectares de terra situados no norte-nordeste de Santa Catarina. No ano de 1897, isso deu origem à chamada Colônia Hansa (*Kolonie Hansa*) que compreendia quatro regiões distintas: Itajaí Hercílio (ou *Itajahy Hercílio*, que incluía *Hammonia* e *Neu-Bremen*), Itapocu (incluindo o distrito *Humboldt*), Sertão de São Bento e Pirai (*Pirahy*) (*Die Kolonie Hansa...*, 1911, p.3-4). Considerados os municípios hoje existentes, compreendia trechos de terra hoje pertencentes ao território dos municípios catarinenses de Itajaí, Blumenau, Jaraguá do Sul, Corupá, São Bento do Sul e Joinville. A colônia Hansa estava destinada à imigração alemã, sendo que nos primeiros cinco anos chegaram às terras loteadas e reservadas à ocupação um total de 2 085 pessoas (*Prospekt*, 1902).

Nesse movimento colonizador, a escola pode ser entendida como instituição necessária ao progresso do empreendimento comercial. Mas, ao mesmo tempo, também vinha atender a uma função social explícita pela necessidade de escola para os filhos dos imigrantes, que tinha raízes culturais no continente europeu e que foi transplantada. Por isso, observamos que as escolas alemãs criadas neste contexto histórico representaram tanto uma iniciativa das famílias nas comunidades como um investimento de caráter comercial feito mediante a subvenção financeira por parte da companhia colonizadora.³ De fato, um aspecto que chama a atenção na colonização alemã foi a preocupação com a fundação de escolas em diversas regiões. Aliás, a prioridade dada à escola é apontada como uma das características típicas das comunidades de imigrantes alemães (Cf. Muller, 1994; Seyferth, 1990).

Verificamos nos diversos relatórios enviados pela direção local da Colônia Hansa que em 1904, ou seja, dentro de um período de seis anos seguintes à fundação, já havia quatro escolas em Humboldt: na “cidade” (*Stadtplatz*), na estrada Isabel (*Isabella-Strasse*), na estrada Paulo (*Paul-Strasse*) e na estrada Bonpland e Humboldt (*Bonpland und Humboldt Strasse*). Em outro distrito, Itajaí-Hercílio, também já funcionavam cinco escolas: Hammonia, Sellin, Rafael, Neu-Bremen e Neu-Zürich. Havia uma em São Bento e outra em Pirai (*Bericht der Kolonie-Direktion Hammonia...*, 1905, p. 13). Quanto a sua origem, algumas das escolas foram fundadas por associações ou

² O porto de Hamburgo, durante o século XIX e nas primeiras décadas do século XX, foi o local da partida de navios com imigrantes cujos destinos eram preponderantemente as Américas do Norte e Latina.

³ Os balanços de gastos e investimentos nas colônias apresentam subvenções para as escolas (*Subvention für Schulen*). Por exemplo, o relatório anual de 1901 traz gastos de 440 mil réis nesta rubrica.

sociedades escolares particulares (*Schulverein* ou *Schulgemeinde*), que tinham como membros as famílias locais, outras estavam vinculadas à igreja evangélica.⁴ Mas os relatórios mostram que também essas escolas comunitárias receberam apoio financeiro da Companhia Colonizadora Hanseática.

Devido à necessidade de atender tanto aos rapazes como às meninas, essas escolas eram chamadas de simultâneas (*Simultan-Schulen*). Geralmente as aulas eram num único espaço e havia 1 ou 2 classes, por sua vez divididas em até 4 seções. Quanto ao número de alunos e professores, o relatório anual da região de Itajaí-Hercílio apresenta, para suas cinco escolas, um total de 86 estudantes atendidos por 6 professores (*Jahresbericht 1904...*, 1905, p.16).⁵ O número de crianças atendidas variava. Em 1904, a escola da Estrada Isabel era freqüentada por 16 alunos; na estrada Paulo, eram 12 e na estrada Bonpland e Humboldt estavam sendo atendidas 18 crianças (*Auszug...*, 1905, p. 21-2).

O número de alunos nas escolas fundadas era considerável se levarmos em conta as estatísticas de chegada de imigrantes às terras da concessão Hansa. Segundo dados da Companhia, em 1898 vieram 103 pessoas; em 1899, outras 331; em 1900, chegaram mais 278 imigrantes; em 1901, registraram-se 428 chegados; em 1902, houve um grande incremento, contabilizados 945 imigrantes (*Prospekt*, 1902, p.1). Se buscarmos estabelecer uma proporção entre o total da população local, o número de escolas criadas e a quantidade de crianças que as freqüentavam após os seis primeiros anos desde a fundação da colônia, vemos que ela é significativa, sobretudo se comparada ao atendimento em escola elementar pública existente em outras partes do Brasil à época! É interessante lembrar que a imigração alemã foi um trânsito de famílias e, portanto, havia tanto as crianças trazidas do exterior como aquelas que nasceriam aqui.⁶

A escola se configurava como instituição absolutamente necessária na vida das comunidades de imigrantes pela demanda de população infantil que aumentava com o passar dos anos. A esse dado se pode associar a questão da religião luterana, pois em algumas áreas o percentual de imigrantes protestantes foi maior do que o de católicos. E para os luteranos, havia a necessidade de ensinar desde cedo a leitura e a escrita para as crianças, pois elas precisavam sozinhas conhecer o conteúdo da Bíblia e participar dos

⁴ Na maioria dos casos, essas associações eram luteranas.

⁵ A escola de Hammonia, que começou a funcionar em 1902, contava com duas classes e, por isso, era atendida por dois professores. Sua associação escolar também era a maior do distrito a que pertencia, sendo que o número de membros da sociedade escolar era de 25.

⁶ Os índices de natalidade nesse tempo eram consideráveis. As crianças representavam o aumento da capacidade produtiva da família no enfrentamento dos duros trabalhos agrícolas.

ritos comunitários. No relatório de 1904, por exemplo, se verifica que no distrito de Itajaí-Hercílio, as cinco escolas então existentes eram freqüentadas por um total de 86 crianças, sendo 68 evangélicas e 18 católicas (*Bericht der Kolonie-Direktion Hammonia....*, 1905, p. 10).

A íntima associação entre a escola (educação) e a igreja (religião) foi um dado característico de algumas comunidades. Nessas, a entidade responsável pela fundação da escola era a comunidade evangélica. Esse tipo de colaboração possibilitou, em alguns casos, que os primeiros pastores que chegaram, além de comandar os trabalhos religiosos viessem a atuar como professores, uma vez que eram mais letrados do que a maioria da população.

Perguntamos, agora, sobre as edificações que estavam funcionando como escola naqueles primórdios. Os relatórios citam o papel da Companhia Colonizadora Hanseática na subvenção financeira das escolas, mas os prédios próprios para abrigá-las foram sendo gradativamente construídos. Ou seja, o processo foi de ocupação provisória de algum outro espaço alternativo para posteriormente transferir as aulas para a sede edificada e destinada à escola. Por exemplo, na estrada Paulo a sociedade escolar foi fundada em novembro de 1903 e as aulas foram ministradas em casas particulares até setembro de 1904, quando foi inaugurado o prédio escolar; as aulas da escola da estrada Isabel aconteciam numa choupana, embora houvessem sido destinados quatrocentos mil-réis para uma construção que em 1904 ainda não estava pronta, porque o dinheiro era insuficiente (*ibidem*, p.21-2).

Os relatórios de diretores da Companhia Colonizadora Hanseática nos contam sobre os diversos aspectos da implantação e desenvolvimento dos empreendimentos coloniais naquela região catarinense. São apresentados ainda dados administrativos como relatórios de custos e balanços, as medidas e o preço das terras vendidas aos imigrantes, o avanço na construção de picadas, estradas e pontes, os números da produção local de alimentos e até mesmo aspectos climáticos. Mas nessa investigação o que evidenciamos são as descrições de aspectos da internalidade dos trabalhos escolares, em alguns relatórios apresentadas pelo próprio professor. Essas fontes primárias trazem elementos da organização dos tempos e espaços escolares, dados sobre o currículo e a atividade docente e discente, inclusive a descrição de aspectos metodológicos. Tudo isso se constitui em objeto central de nossa descrição e análise uma vez que são raros os registros históricos que detalharam particularidades sobre as

questões didáticas e pedagógicas daquelas escolas alemãs, ativas num período distante de nós passado mais de um século!

Penetrando nas salas de aula das escolas alemãs: as práticas educativas

Inicialmente, trataremos do que foi descrito em *Auszug aus den Schulberichten im Bezirk Itapocú pro 1904*, ou seja, num extrato de relatório sobre a atividade escolar no distrito de Itapocu (*Auszug...*, 1905). A estrutura deste documento chama a atenção porque além de apresentar os aspectos das práticas educativas nas quatro instituições então existentes, transcreve, numa citação direta, as descrições que o professor responsável por cada uma das escolas elaborou para inserção naquele relatório.

Os textos nos permitem conhecer, por exemplo, como se organizava a semana letiva. Quanto à distribuição temporal das atividades escolares, traz uma tabela referente à escola da área central de Humboldt mostrando a distribuição das lições em todas as manhãs. Havia aulas de segunda a sábado, no horário entre 8 e 12 horas, para as duas classes. A escola do *Stadplatz* Humboldt funcionava desde abril de 1899 e atendia 25 crianças, aos cuidados do professor Paul Behrens.

Foram detalhados ainda os conteúdos tratados nas aulas, o que numa linguagem contemporânea corresponderia às disciplinas de cada dia letivo. Eram eles: Religião, Cálculo, Leitura, Ditado, Escrita, Redação, História Mundial, Português, História Natural, Canto, Trabalho Manual e Geografia.⁷

Essa configuração curricular permite algumas análises e interpretações. Ressaltamos, inicialmente, a existência de uma matéria destinada ao ensino da Língua Portuguesa, que aparece em dois horários durante a semana. Tal fato traz à tona a polêmica quanto a não utilização ou mesmo desprezo de nosso idioma nas escolas alemãs, apontado em diversos estudos como característica deste tipo de instituição. Aspecto esse que seria posteriormente atacado pelas políticas educacionais de fundo nacionalista ao longo das primeiras décadas do século XX, sobretudo no Estado Novo (Cf. Pandolfi, 1999). Se as aulas eram ministradas na língua alemã, determinando esse dado típico das *deutsche schulen*, o arranjo de disciplinas dessa antiga escola de um

⁷ Nesta parte, consideramos duas dificuldades com que o pesquisador se defronta: com a tradução desses textos que foram redigidos em alemão arcaico e impressos em tipos góticos e ainda com a ausência contemporânea de termos equivalentes quanto ao conteúdo pedagógico, devido às transformações na semântica ou mesmo extinção do uso da terminologia em voga naquela época. É o caso do termo *Aufsatz*, cujo significado traz a idéia de uma redação feita manualmente pelo aluno, tratando de um tema proposto pelo professor previamente. Quando tais dúvidas surgem, buscamos os sentidos possíveis interrogando a população idosa bilíngüe, perseguindo permanências e transformações da língua alemã ou de seus dialetos ainda em uso na região pesquisada.

núcleo colonial chama a atenção para o fato de que também existiram instituições onde a necessidade de conhecer a língua nacional foi levada em conta desde o princípio!⁸

Já o Cálculo era a atividade mais recorrente nas lições, aparecendo em 10 horários da semana. É perceptível, ainda, a valorização da leitura, que estava programada para seis momentos semanais. A Escrita (em alemão) era focalizada quatro vezes. Os Ditados e o Canto, que também podem ser vistos como estratégias didáticas vinculadas à aprendizagem da língua alemã, aconteciam duas vezes no período semanal. A História Natural (equivalente às atuais aulas de Ciências) aparecia duas vezes, enquanto a História Mundial era oferecida somente a cada terça-feira, por uma hora. O Trabalho Manual era uma atividade escolar realizada nas quartas-feiras e sábados. A qualidade das atividades propostas nesse currículo evidencia a ausência de tratamento da história brasileira.

Se o disposto nos permite inferir sobre as aulas naqueles tempos, analisamos agora aspectos dos procedimentos docentes descritos num relatório de autoria do professor Moritz Haselhorst, da escola da estrada Isabel. O mestre deixou claro que o ensino era em língua alemã e essa era o objeto da aprendizagem da leitura e da escrita. O relato detalha a atuação docente em cada seção de uma turma de 16 crianças no total. Conforme explicado, na primeira seção ele lia trechos sobre a Geografia da América do Sul e brasileira. Outros textos, que o professor chamou de leituras leves, eram utilizados também para o Ditado. Utilizava o livro de leitura e a escrita de cartas como recurso para a fixação dos conteúdos, bem como uma Gramática. Na prática da leitura que era realizada em todas as manhãs, o professor lia por primeiro e depois exigia a leitura de uma a uma das crianças; por fim, liam em coro. Nas lições de Cálculo os alunos da primeira seção praticavam as quatro operações e contas com frações decimais, o que era exigido tanto por escrito como oralmente. Quanto à Geografia, o professor explicou que era uma disciplina a que ainda não se destinava atenção especial neste estágio da escolarização.

Na segunda seção o professor lia trechos facilmente compreensíveis, que também eram explorados nos ditados. Depois, escrevia perguntas na lousa maior (equivalente ao quadro-negro) e os alunos anotavam nas lousas individuais (de mão),

⁸ Ou seja, nessas escolas os professores e os alunos falavam o alemão, idioma que também era objeto da aprendizagem da escrita e leitura. O ensino de Português poderia atender às necessidades da vida diária. Quanto à eventual obrigatoriedade de existir na época legislação que obrigasse o ensino da língua nacional nas escolas primárias, acreditamos que devido ao isolamento geográfico das colônias dificilmente tal determinação seria o fator que levou à inserção do Português entre as disciplinas estudadas nessas localidades.

sendo que deveriam responder às questões por escrito, mantendo os livros fechados. A Gramática era estudada tomando-se frase por frase. O cálculo utilizando as quatro operações continuava sendo treinado. Nesse estágio, segundo o professor, a maioria das crianças já escrevia com o lápis de lousa e com tinta. E era exigida uma escrita bonita, ou seja, se faziam exercícios de caligrafia.

Na terceira seção tinham a ajuda de uma cartilha e deviam praticar a leitura, a escrita e o cálculo. Em Religião, o professor lia primeiro e depois todos repetiam em conjunto. Estudavam os Dez Mandamentos e outros trechos da Sagrada Escritura, que liam em coro e depois deviam anotar em um pequeno caderno. A história bíblica começava com a origem da vida. Nas horas de Canto se entoavam canções populares alemãs.

Com a análise dos conteúdos e metodologias, podemos perceber nas práticas desta escola primária rural alemã a ênfase no cálculo e na escrita. Essas exigências estavam associadas à presença de materiais didáticos como cartilhas, gramáticas e livros de leitura. Nota-se ainda que o ensino religioso tinha destaque. A metodologia de ensino estava embasada em atividades que exigiam a repetição e a memória, sendo centralizada na condução docente.

Já na descrição que o professor Richard Schulze, da estrada Paulo, fez para o relatório de sua escola não há detalhamento sobre o que era ensinado em cada uma das seções. Apresentou como matérias estudadas Religião, Escrita, Cálculo, Leitura, Canto e Geografia e a língua da terra brasileira (*brasilischen Landesprache*). Novamente, o relato da atividade docente chamou a atenção para a preocupação com a aprendizagem do português. Outro aspecto diferente na organização curricular dessa escola era a exigência da escrita em latim ao lado daquela em alemão. Nesse caso, primeiro as crianças copiavam em suas lousas individuais e, depois de consideradas aptas, passavam a escrever sobre papel.⁹ Tanto na primeira como na segunda seção os alunos treinavam a leitura com o auxílio de um livro específico para esta finalidade. No Cálculo se exigia toda espécie de contas. Segundo o mestre, as lições de Geografia eram dadas com dificuldade, pois não havia globo ou Atlas. Nessa escola, que atendia a 17 alunos, havia um professor auxiliar.

⁹ As lousas individuais, chamadas de *tafel*, eram pequenas tábuas, geralmente feitas de ardósia, sobre a superfície das quais uma espécie de lápis, giz ou carvão podia escrever. O texto escrito era facilmente apagado. O papel era artigo raro naquelas circunstâncias.

Diversos relatórios trazem o mesmo detalhamento das atividades em cada escola, nas classes e seções que as subdividiam. No relatório da direção de Hamônia, de 1904, encontramos minuciosa descrição das matérias tratadas e sua distribuição curricular. A Leitura, item considerado essencial, estava presente nas quatro seções. O objeto estudado era a língua alemã, mas na segunda e terceira seções também se aprendia o latim. A aprendizagem da leitura era feita com a utilização de cartilhas e textos de cartas. Os alunos deviam ler em voz alta, o que era bastante cobrado.

Na disciplina de Escrita se aprendia a língua alemã. Um das estratégias metodológicas comuns era que as crianças redigissem pequenas cartas, individualmente. Assim, aprenderiam a elaborar pequenas frases. Há várias referências à silabação como recurso metodológico associado à aprendizagem pretendida. Mas não bastava apenas escrever de modo correto: era preciso escrever bonito, ou seja, apresentar uma bela grafia (*schönschreiben*)! A caligrafia era uma exigência fundamental desde a primeira seção.

Mesmo havendo a Leitura e a Escrita, existia a disciplina de Ensino da Língua alemã (*Sprachlehre*) para todos os alunos das quatro seções. Nessa lição, no primeiro ano o professor devia seguir as instruções da cartilha. Na segunda seção, se explicava o singular e o plural dos termos, exigindo cópias e leitura. Já os alunos da terceira seção aprendiam a diferenciar o gênero, a divisão silábica, a entonação na leitura (sílabas fortes e fracas) e a conjugação verbal. Havia exercícios lingüísticos diversos. Foram citadas algumas leituras infantis que tinham títulos como Cão e Gato, O Sapo, O Preguiçoso e O Semeador, por exemplo. Nesse sentido, percebemos que a natureza dos textos das cartilhas ou livros de leitura era a mesma da literatura infantil escolar da época, cujo conteúdo não apenas buscava fixar a escrita dos termos, mas tinha certo teor moralizador.

No último ano, o Ensino da Língua estava associado à disciplina de Português (*Portugiesisch*), o que evidencia a preocupação com sua utilização cotidiana na formação infantil, pois as crianças estavam em meio à sociedade brasileira. Estudavam-se princípios de gramática e sintaxe da língua alemã, com as conjugações verbais considerando os tempos e as pessoas. Também se usava a poesia como recurso didático. As leituras eram mais complexas e estabeleciam relações com conhecimentos gerais, como se percebe no título O Leão de Florença. O canto era praticado nas três seções superiores, compreendendo tanto canções populares como da liturgia religiosa. Cantar ajudava na aprendizagem idiomática, mas também servia para inculcar valores culturais.

Alguns títulos das canções assim sugerem: Eu tenho um camarada (*Ich hat einen kameraden*), Quem estará entre os soldados (*Wer will unter die Soldaten*) e Tome-o nas mãos (*So nimm denn meine hände*, um canto natalino).

O Cálculo era estudado em todas as seções, assim como as aulas de Religião. Curiosamente, na primeira seção o ensino religioso aparecia como uma disciplina de Orações ou Preces (*Gebet*), o que indica que rezar era também visto como exercício de aprimoramento lingüístico. Os estudos de ciências eram feitos com a utilização do atlas zoológico Leutemanns. A História Natural (*Naturgeschichte*) era componente curricular apenas do terceiro e quarto anos, em que se estudavam os três reinos (animal, vegetal e mineral). Curiosamente, mesclavam-se conteúdos alienígenas aos tipicamente brasileiros. O professor dizia que se listavam os exemplares exclusivos da fauna e flora do Brasil, como as aves (*kolibri*, referindo-se ao beija-flor ou *jakutinga*, para o jacu) e outros animais (*mico*, para essa espécie de pequenos macacos). Ainda eram estudados animais domésticos como o cavalo e o cachorro. Espécimes vegetais importantes na vida rural, como o milho, também constavam das lições. A Ginástica (*Turnen*) estava entre as disciplinas apenas para a última seção. No relatório se explica que os alunos faziam exercícios ocasionalmente. Mas não há detalhamento sobre o tipo de atividade física. Outra disciplina particular citada é a História Nacional (*Heimatkunde*), no terceiro ano, abordando a própria localidade onde se situava a escola, o Vale do Itajaí (*Das Tal des Itajahy*).

Isso mostra que, em diversos casos, as escolas alemãs focalizavam aspectos da realidade brasileira, ou seja, não eram desvalorizadas tais questões como apregooou o ideário nacionalista das primeiras décadas do século XX. Assim, na quarta seção havia a disciplina de História abordando a descoberta do Brasil e a constituição da própria colônia. O mesmo acontecia com a Geografia (*Erdkunde*) que abordava aspectos do Vale do Itajaí, do estado de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande, ao lado de conteúdos mais abrangentes como as diversas partes do mundo, os oceanos, as Américas do Sul e do Norte e a Europa.

Um dado curioso dos relatórios diz respeito à organização do ano escolar. Este fato, sobre o qual as pesquisas ainda não haviam chamado a atenção, talvez possa ser explicado como uma contingência do ambiente rural. Ou seja, condicionado às necessidades de trabalho agrícola e sua sazonalidade, pois as crianças precisavam trabalhar na lavoura junto de seus pais e, em períodos de atividade intensa, se ausentavam das aulas porque a prioridade era o trabalho, a sobrevivência familiar nas

ainda inóspitas colônias. Segundo o texto assinado pelo diretor Morsch havia uma organização trimestral do período de atividade nas escolas. O ano escolar começava em 7 de janeiro, sendo que o primeiro trimestre ia até 11 de março. Então, havia um período de férias que se estendia até 7 de maio. Começava aí o segundo trimestre, de 8 de maio até 28 de agosto, que tinha interrupções entre os dias 1º. e 15 de agosto, para um *balanço de férias* e entre 29 de agosto até 12 de setembro. O terceiro trimestre iniciava em 13 de setembro e acabava em 23 de dezembro, marcando o fim do ano escolar. As férias natalinas aconteciam, portanto, de 24 de dezembro até 3 de janeiro (*Berich der Kolonie-Direktion Hammonia...*, 1905, p.18).

Também é interessante observar que havia uma preocupação pedagógica da direção da colônia com o funcionamento das instituições escolares, evidenciando que abrir e manter escolas em benefício local era escopo tanto da Companhia Colonizadora quanto dos próprios colonos. Por isso, logo foi criada uma associação vinculada à colonizadora, a *Schulverband Hansa*, bem como foi nomeado um inspetor (*Schulinspektor*), o Dr. Albinger, que também atuou como professor numa escola do distrito de Itajaí-Hercílio que atendia 32 crianças (*ibidem*, p. 10).

Observados os componentes das atividades didáticas e pedagógicas para as escolas alemãs desse distrito, podemos perceber as especificidades do rol de disciplinas e dos seus conteúdos, o que atribuímos à formação e ao modo de atuar de cada professor, o qual colocava em ação suas habilidades e conhecimentos pessoais, às vezes particularizando a natureza da ação educativa em cada instituição.

Considerações finais

No discurso inaugural do I Colóquio de Estudos Teuto-Brasileiros, realizado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1963, Gilberto Freyre lembrou:

A presença alemã no Brasil viria trazer um aspecto novo à formação brasileira; [...] Dando novo conteúdo étnico e cultural a essas formas, é certo; mas integrando-se no que nelas era já transregionalmente brasileiro no sentido de serem formas de organização predominantemente familiar e até patriarcal, de sociedade ou de convivência, ... (Freyre, 1963, p.19).

Nossa análise dos relatórios de direção da Companhia Colonizadora Hanseática revela o conteúdo das atividades pedagógicas em escolas primárias rurais situadas na colônia Hansa, fundada em Santa Catarina no final do século XIX. A abertura de escolas próprias para o atendimento dos filhos de imigrantes alemães, com a edificação de prédios e o desenvolvimento de um currículo diferenciado, significou a inserção de novos elementos culturais formativos no Sul do Brasil, como teorizou Freyre.

Embasamos nossos argumentos sobre a peculiaridade dessas instituições escolares sulinas por meio da análise do conteúdo de relatórios de diretores da colônia. A análise dos relatos sobre as práticas educativas nessas escolas primárias rurais caracteriza as escolas alemãs com base na natureza das propostas de ensino elementar que ali foram desenvolvidas. Implantadas em uma área de colonização catarinense ocupada por imigrantes alemães a partir de 1897, sob a tutela do empreendimento comercial alemão, nessas escolas foi historicamente elaborada uma atividade educativa cujas peculiaridades eram o ensino em língua estrangeira e uma proposta curricular centralizada na aprendizagem da língua e da cultura alemãs por meio das disciplinas de Leitura, Escrita, Poesia, Canto, Religião e até mesmo Latim. Porém, constatamos que havia outros elementos curriculares que abordavam aspectos nacionais, brasileiros, como o Português e a História Nacional. O Cálculo também era tido como uma matéria essencial na instrução elementar das crianças nessas instituições.

Consideradas as práticas educativas que aquelas escolas primárias rurais das zonas de imigração alemã catarinenses abrigaram, pode-se ratificar que, pelo menos em seus primeiros anos de funcionamento, essas instituições mantiveram aspectos didáticos e pedagógicos que as caracterizam como típicas expressões do fenômeno das escolas alemãs - *deutsche schulen* –, num momento histórico particular do desenvolvimento da educação brasileira. Nessas colônias de imigrantes, pela ausência de instituições públicas, as escolas alemãs atenderam à finalidade social específica de fornecer instrução primária, embasadas por um conjunto de práticas educativas que mesclaram aspectos culturais estrangeiros àqueles do contexto brasileiro de então.

Fontes documentais

AUSZUG aus den Schulberichten im Bezirt Itapocú pro 1904. Hammonia, 1905.

BERICHT der Kolonie-Direktion Hammonia über das Jahr 1904. Hammonia, 1905.

DIE KOLONIE “HANSA” – Berich der koloniedirektors J. Deeke in Hammonia. Hammonia, 1911.

JAHRESBERICHT für die fünfte ordentliche General-Derfammlng der Hanseatichen Kolonisations-Gesellschaft m.b.H. das Jahr 1901 betreffend. Hamburg, [s.d]

PROSPEKT. Hamburg, 1902.

JAHRESBERICHT 1904 über die 5 Hansaschulen des Bezirks Hercilio, erstattet von Schulinspektor Dr. Aldinger. Hammonia, 1905.

PROSPEKT der Hanseatichen Kolonisations-Gesellschaft – Ansiedelung im Staate Santa Catharina, Südbasilien, Kolonie “Hansa”. Hamburg. [s.d].

STAATSARCHIV HAMBURG. 26/04 Ab/von: 1.3 2004, M1 139B ¼ - Hanseatichen Kolonisation Gesellschaft.

Referências Bibliográficas

FREYRE, G. Discurso inaugural. In: **COLÓQUIO DE ESTUDOS TEUTO-BRASILEIROS**, I., 1963, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, 1963. p. 17-20.

MÜLLER, T.L. (Org.). **Nacionalização e imigração alemã.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1994.

NAGLE, J. **Educação e sociedade na primeira República.** São Paulo; EPU/EDUSP, 1974.

PANDOLFI, D. (Org.) **Repensando o Estado Novo.** Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999.

SCHNEIDER, A. B. **Povoamento-Imigração-Colonização:** A fundação de Blumenau (no Vale do Rio Itajaí) e de Joinville (nos fundos do Termo (Município) de Nossa Senhora da(s) Graça(s) de São Francisco Xavier (ou de Assis) do Sul). Joinville: Alvorada, 1983.

SEYFERTH, G. **Imigração e cultura no Brasil.** Brasília: Ed. UnB, 1990.

WEREBE, M.J.G. A educação. In: HOLANDA, S.B. **História geral da civilização brasileira.** 5.ed. t. 2, v.4 1995, p. 366-383.

WILLEMS, E. **A aculturação dos alemães no Brasil.** 2.ed. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1980.